

RESISTÊNCIA (NÃO ACEITO)

Resumo

A presente reflexão, articulada sob a dinâmica de um filosofar crítico-hermenêutico, propõe uma revisão dos processos históricos de implantação de regimes totalitários, dominantes e opressores. A tese central consiste em identificar as diferentes formas de resistência que buscam minar as forças dominantes. Em todas as épocas, desde os tempos mitológicos, apareceram forças que se impuseram como discurso único. Em nome desta unidade surgiram as instâncias de exclusão. Entre essas instâncias excluídas, surgem espaços de resistências. Essas podem acontecer em todos os níveis do desenvolvimento humano. Podem surgir na esfera das religiões, na ordem político/social, no campo das ciências, no interior das ideologias, no sistema produtivo ou no projeto educacional. Em todos esses cenários observa-se a atitude de conservação do "status quo" dificultando as mudanças propostas pelos movimentos de resistência. As dificuldades são diferentes ordens, mas se concentram no cerceamento de manifestação.

Resistência é um termo de uma semântica muito ampla e complexa. Ela pode ser encontrada no vocabulário de muitas ciências, em certos casos, com um significado fundamental. Não se trata, aqui, de rever esses diferentes significados, mas, apenas, de saber o que ela significa no contexto do agir humano.

Em primeiro lugar, resistência significa opor-se a uma determinada força que oferece algum perigo. A resistência, em geral, surge como uma força menor, às vezes, minúscula, contra uma força maior dominante e opressora. Diante disto, a resistência à opressão se torna um direito fundamental de todo ser humano. Assim, não há uma única forma de resistir. As estratégias de resistência estarão sempre vinculadas às diferentes formas de opressão. Por fim, uma forma de resistência na esfera do saber, já milenar, foi desenhada como oposição a um pensamento único. Será esta forma de resistência o fio condutor desta reflexão, possivelmente, filosófica.

Não se pode esquecer que a resistência tem como antípoda o conformismo. A primeira, apesar de todos os pesares, alimenta sempre a esperança de um mundo diferente possível. O segundo prefere não assumir nenhum compromisso e deixar as coisas como estão.

A resistência, de acordo com o significado aqui assumido, se manifesta como um gesto, uma palavra ou uma idéia em oposição ao monopólio de verdade controlado pelo discurso dominante. Esse monopólio da verdade, usando a expressão da Marilena Chauí, nada mais é que o discurso competente, assim definido: "O discurso competente é aquele que pode ser proferido, ouvido e aceito como verdadeiro ou autorizado porque perdeu os laços com o lugar e o tempo de sua origem."¹

Michel Foucault, em sua aula inaugural ao Collège de France pronunciada em dois de dezembro de 1971, de forma mais contundente denuncia o sistema de produção do discurso oficialmente

¹ Chauí, Marilena. Cultura e Democracia – o discurso competente e outras falas. P.7. O primeiro capítulo deste livro, p. 3 a p.38, oferece amplos detalhes sobre o discurso competente em diferentes esferas da organização social. Originalmente o texto foi apresentado na 29ª reunião anual da SBPC, em 1977.

institucionalizado, “cuja produção é, ao mesmo tempo, controlada, selecionada, organizada e redistribuída por um certo número de procedimentos que têm o papel de conjurar os poderes e os perigos e de dominar os acontecimentos aleatórios”.² À luz desta definição, Foucault descreve amplamente os procedimentos a serem seguidos para garantir o controle desta produção. Os procedimentos de exclusão aparecem em primeiro plano, que se concretizam através de três formas.

A primeira é a da proibição que recai sobre os objetos, sobre o direito privilegiado do sujeito falante e sobre o ritual a ser seguido. Aqui, certamente, cabe lembrar o imenso aparato nas mãos das instituições para aprovar ou desaprovar, financiar ou não os projetos e as pesquisas. A segunda aparece na oposição razão e loucura. Foucault lembra que foi muito aplicado na Idade Média. Hoje, eu ousaria dizer, que a oposição se dá entre o produtivo e o improdutivo ou entre a garantia de previsão e não previsão de um produto mercadejável. A terceira forma de exclusão, talvez, a mais poderosa atualmente, se formaliza na oposição ente verdadeiro e falso. Uma tarefa que, geralmente, entre os cientistas se dá sob o manto da comunidade científica, lembrando Thomas Kuhn. Entre nós, ousaria dizer, pedindo emprestado uma expressão da Marilena Chauí, que esse controle da produção do discurso científico está mais para a burocratização e organização nas mãos dos burocratas oficiais.³

Não é preciso afirmar o que todos sabem, o discurso competente, sem dúvida nenhuma, é o discurso científico ou da cientificidade. Entenda-se por científico o discurso praticado pelas ciências empíricas. Entretanto esta cientificidade, ainda que muitos pensem assim, não é nem linear e nem unívoca. Neste sentido, o biólogo Francisco Varela escreveu: “Cada época da história da humanidade produz, pelas suas práticas sociais quotidianas e pela sua linguagem, uma estrutura imaginária. A ciência é uma parte integrante dessas práticas sociais e as teorias científicas da natureza representam apenas uma dimensão desta estrutura imaginária. Os historiadores e os filósofos modernos desde Koyré mostraram bem que a imaginação científica se transforma radicalmente de uma época para outra, e que a ciência é mais uma epopéia do que uma progressão linear. A história humana da natureza merece ser contada de diferentes modos.”⁴

Os movimentos de resistência frente ao discurso competente, que poderia ser substituído pela idéia de pensamento único, colocam-se como uma busca de espaço para outras alternativas de saber. Como afirmam os estudiosos da ciência, entre eles Bruno Latour, não se pretende negar as ciências, ao contrário, se busca estudar o tipo de fenômeno que elas são. Neste sentido ele afirmou: “os aliados mais fiéis dos cientistas somos nós, os ‘estudiosos da ciência’, que conseguimos ao longo dos anos atrair o interesse dos literatos para a ciência e a tecnologia – leitores convencidos, antes do advento dos estudos científicos, de que ‘a ciência não pensa’”. E acrescenta perguntando: “Quem acredita mais na objetividade da ciência do que aqueles que insistem na possibilidade de transformá-la em objeto de pesquisa?”⁵

Os estudiosos da ciência causam muita estranheza aos cientistas. Parece que não gostam de se verem transformados em objeto de pesquisa, juntamente com a ciência. Para ampliar a curiosidade sobre este tema, volto a citar outra obra de Bruno Latour em co-autoria com Steve Woolgar, *A Vida de Laboratório – A Produção dos Fatos científicos*. Uma pesquisa que começa com a etnografia das

² Foucault, Michel. *L’Ordre du discours*. P.10-11.

³ Para complementar a fala a respeito da produção do discurso no interior da sociedade remeto ao texto inteiro de Michel Foucault.

⁴ Varela, Francisco. *Conhecer – As ciências Cognitivas Tendências e Perspectivas*. P.

⁵ Latour, Bruno. *A Esperança de Pandora*. Como aprofundamento desta questão a leitura do primeiro capítulo, *Você acredita na realidade? – Notícias das trincheiras das Guerras na Ciência*. P. 13-38. Chamo a atenção sobre esta irônica passagem “Ao Instituto Salk e especialmente ao professor Roger Guillemin cujo desinteresse tornou possível esta pesquisa”..

ciências para chegar à etnografia de um laboratório, em que figuram todos os personagens, os elementos e os procedimentos que fazem a vida de um laboratório.

Depois desta descrição, até certo ponto extensa, sobre o discurso competente, seu monopólio de legitimidade e de verdade em nome da cientificidade vigente, está na hora de voltar aos processos de resistência.

Acredito que, para melhor falar da resistência é recorrer à sua trajetória histórica, que, pode-se afirmar antecipadamente, começa simultaneamente com a instalação do discurso competente. Trata-se de histórias paralelas.

O ano zero desta história, sem outros critérios além dos meus conhecimentos, coincide com o surgimento do pensamento filosófico grego, no início do século VI a.C. Desde os primeiros pensadores, denominados pré-socráticos ou filósofos naturalistas, a começar com Tales de Mileto, passando pelos Sofistas até a chegada de Sócrates, ainda não se havia instalado um discurso competente, isto é, o detentor da verdade, a partir do qual se poderia avaliar e julgar os outros discursos. Neste tempo imperava a liberdade de se procurar o elemento constitutivo primeiro de toda a realidade. Preocupação básica dos filósofos pré-socráticos ou naturalistas (Physicoi). Com os sofistas (sophoi), também, até a chegada de Sócrates, havia liberdade de sustentar diferentes teses. Sócrates começou a construir o primeiro discurso competente. O seu pensamento é o verdadeiro. O que pensam os outros está errado. O erro decorre do princípio de que não se pode dizer mais de uma coisa sobre o mesmo aspecto. O que garante sua legitimidade é um processo argumentativo estabelecido como sendo único. Esse discurso foi se desenvolvendo com Platão até sua plena consolidação com Aristóteles, graças ao seu raciocínio lógico. Com isso se estabeleceu o único caminho válido para se chegar à verdade.

Antes de continuar, um pequeno lembrete. Quero repetir as palavras de Francisco Varela, já citadas acima, “A história humana da natureza merece ser contada de diferentes modos”. É neste caminho que os movimentos de resistência encontram suas possibilidades diferenciadas de marcar presença.

O primeiro grito de resistência, talvez, seja difícil de assegurar consenso, mas sobre o personagem humano mais marcante, certamente, existe unanimidade. Trata-se de Diógenes de Sinope (413-323 a.C.), o discípulo mais destacado da Escola Cínica, fundada por Antístines (436-366 a.C.) no século V antes da Era Cristã.⁶

A Escola Cínica tinha como ideal voltar à natureza desprezando as convenções sociais, a opinião pública e a moral vigente. Em relação à questão do conhecimento o alvo preferido eram os conceitos ou as ideais universais. Por exemplo, num dos fragmentos filosóficos, Antístines diz: “Oh, Platão, o cavalo, sim, eu vejo, mas a equidade (essência de cavalo) não a vejo”.⁷ Mas os lances mais originais, populares e pitorescos foram protagonizados por Diógenes. Todos conhecem o fato de que Diógenes, freqüentemente, circulava pelas ruas de Atenas, com uma lanterna na mão em pleno dia, à procura do homem. A interpretação corrente é de que, diante de tantos homens falsos e corruptos, Diógenes queria encontrar o homem verdadeiro. Neste sentido tratar-se-ia de uma denúncia moral no campo político e social. Entretanto, a versão mais correta nos diz que a crítica se dirigia ao modelo epistemológico dos aristotélicos, os discípulos de Aristóteles, mostrando que Homem, como conceito, não existe, o que existem, em carne e osso, são homens.

⁶ Sobre o nome de escola cínica não há consenso, mas tudo indica que ela se originou do fato de que seus integrantes terem, exaltando a vida natural, procurado o seu modelo nos animais e aceitado como título de honra o nome de cães (kines).

⁷ Mondolfo, Rodolfo. O Pensamento Antigo Vol. 1 p. 191)

A respeito da crítica dos conceitos é importante lembrar, apenas como informação, que Henri Bergson (1859-1941) teceu fortes críticas à figura lingüística e filosófica do conceito.⁸

Há, entre tantas outras afirmações de Diógenes, a seguinte, que julgo muito adequada para este momento: “O médico, sendo produtor de saúde, não exerce sua função entre os sãos”.⁹ Recorri a esta citação porque, espero não cometer um crime, pretendo atribuir a Diógenes o seguinte raciocínio, certamente ele não o recusaria. Houve-se proclamar com imensa sonoridade científica, social, pedagógica e política, que os esportes são fontes de saúde, entretanto, criou-se a medicina esportiva que, numa simples observação, tem como objetivo primeiro dedicar-se aos estropeados dos esportes, nas mais diversas modalidades, e não para mostrar as possíveis propriedades terapêuticas das práticas esportivas, em especial as de alto rendimento, diga-se de passagem a mais badaladas..

A Escola Cínica, surgida já nos primeiros séculos da filosofia grega, acompanhou a história da filosofia ocidental e, o que é mais significativo, se estendeu a outras esferas do desenvolvimento cultural do Ocidente, nem sempre com as mesmas características originais. Para não me estender muito sobre este ponto, quero apenas lembrar o instigante trabalho de Peter Sloterdijk apresentado em sua obra, *Kritik der Zynischen Vernunft* (Crítica da Razão Cínica) de 1983.¹⁰ Nela, Sloterdijk faz um minucioso levantamento das transformações semântica do cinismo e dos difíceis caminhos para se manter fiel aos seus princípios originais gregos.

Não posso me deter na apresentação desta complexa obra de Sloterdijk, mas não quero, entretanto, deixar de trazer aqui dois pontos. O primeiro diz respeito à distinção, feita por ele, entre o cinismo antigo e o cinismo moderno. Para isso, além de conceitua-los, ele os grafa diferentemente. Para o significado antigo usa a grafia *cynique*, e para o significado moderno, inventa a palavra *Kunique*.

Quanto ao significado, Sloterdijk afirma que “A antiguidade conhece o cínico (melhor: kunico) como um original solitário e como um moralista provocador e obstinado”.¹¹ Ele cita Diógenes como sendo o patriarca deste tipo de cinismo (kunismo). Pelo seu comportamento contra as convenções sociais ele aparece como sendo um cidadão rude em contraste com os cidadãos da metrópole, Atenas. Mas o que é mais significativo é o fato de que nele se pode caracterizar a presença de uma inteligência fora-de-classe ou plebéia. Talvez, o fato se repita, atualmente, quando se classifica as ciências em empíricas (cientificidade dura ou rigorosa) e ciências humanas (cientificidade inconsistente).

Na modernidade o cínico ou o cinismo, segundo Sloterdijk, se apresenta como um “falso realismo, em que os homens aprendem um sorrir careta ou dissimulado de uma clara imoralidade”. Traduzindo de maneira mais popular, o cínico moderno é aquele que mata e depois vai chorar no velório.

O segundo ponto refere-se a Nietzsche (1844-1900) como o restaurador do cinismo original a começar pela sua obra *Vontade de Potência*.¹² Entretanto, adverte Sloterdijk, a interpretação do autor difere daquela da velha social-democracia. Nietzsche pretendia minar o idealismo burguês em nome do vitalismo. Os sociais-democratas incentivavam a participação na competição pelo saber que

⁸ Cf. Bergson, Henri. *La Pensée et le Mouvant*. PUF. 1934 ou *Introduction a la Métaphysique*, 1903.

⁹ Diógenes em Stobeo, *Flor.*, 13,25 ou em Mondolfo, *Op. Cit.* P. 198.

¹⁰ Nesta minha reflexão eu utilizo a tradução francesa, na sua primeira edição de 1987. Aproveito para lembrar que, no meu entender, a obra, em que aparece com maior brilho o espírito cínico de P. Sloterdijk, é *Regeln für den Menschenpark: Ein Antwortschreiben zu Heideggers Brief über Humanismus* de 1999.

¹¹ Sloterdijk, *Op. Cit.* P.26.

¹² A tradução *Vontade de Poder*, comumente utilizada é, no mínimo, desviante, para não dizer incorreta. A mais fiel seria *Vontade de Potência*.

é poder. Entretanto é no livro *O eterno Retorno do Mesmo* que se manifesta, segundo Sloterdijk, o pensamento mais subversivo de Nietzsche. Por fim, diz Sloterdijk, “o próprio Nietzsche se designa como “cynique” designação decisiva freqüentemente ignorada; a partir disto ele se tornou, ao lado de Marx, o pensador mais importante do século”.¹³

Para concluir essas referências ao cinismo, como resistência continuada, nada melhor do que reproduzir estas palavras de Sloterdijk: “O cinismo (kunismo) antigo, pelo menos na sua origem, é por princípio insolente. Sua insolência encerra um método digno de ser descoberto. É erradamente que se o negligencie e que se o considere como um simples jogo satírico, como um episódio meio-cômico. (...) No Cynismo, descobriu-se uma maneira de argumentar, com a qual o pensamento sério até hoje não soube fazer nada”.¹⁴

Voltando aos gregos, fora da Escola Cínica, encontramos a resistência de Epicuro (34-270 a. C), fundador da escola filosófica epicurista ou, simplesmente, do Epicurismo. Uma de suas contribuições mais destacadas está na moral. Infelizmente, a interpretação mais divulgada é a de um pensamento que prega a devassidão. Hoje, em parte, Epicuro está sendo reabilitado como um pensador que confrontou a moral das grandes escolas filosóficas gregas. O pensamento circulante entre os grandes pensadores era de que há uma parcela de homens que trazem do berço a bondade, a perfeição e a felicidade. Durante a vida é só manifesta-las. Portanto, a realização humana e a felicidade estão reservadas pelo destino a um número determinado de cidadãos. Os aristoi, os bons.

Epicuro, ao contrário, passou a defender a tese de que todas as pessoas podem ter acesso à perfeição, ao bem e a felicidade. A natureza não privilegia ninguém. Tudo depende do esforço das pessoas.

Um personagem do mundo latino que, por razões escolares, quero lembrar é Catão. Na escola, seguidamente, os professores citavam Catão como o exemplo de que não existe idade em que não se possa aprender. Catão teria estudado grego aos oitenta anos. Muito mais tarde aprendi outra interpretação. Catão era defensor intransigente da cultura latina. Resistiu, até que pode, à dominação cultural grega. Diante de sua resistência frustrada, acabou aderindo aos vencidos que, culturalmente, venceram os vencedores.

Outro momento de fundamental importância para os movimentos de resistência deve ser tributado a Martinho Lutero (1483-1546), embora ele se desenhe mais no campo teológico. Para a civilização cristã, a Bíblia assume um valor primordial graças à idéia de que ela é uma obra ditada por Deus. E o discurso de Deus não muda. O espírito Santo fala através do texto, em qualquer língua, assim ensina a Teologia. Houve um momento em que se estabeleceu um monopólio da interpretação do texto sagrado, isto é, nem todos têm a capacidade de ouvir corretamente a voz do Espírito Santo. Martinho Lutero, que na época praticava a hermenêutica bíblica mais avançada, junto com a denúncia da venda das indulgências, proclama, também, que cada cristão batizado é templo do Espírito Santo, o que lhe confere as condições necessárias para ler e interpretar os textos sagrados. Surgiu, assim, a Reforma como uma resistência ao monopólio do discurso bíblico verdadeiro, nas mãos da autoridade papal.¹⁵

Não é preciso insistir na resistência ao pensamento dominante desenvolvida pelos modernos, os defensores da Ciência Nova. O foco central é sempre dirigido a Galileu Galilei (1564 – 1642),

¹³ Sloterdijk, op. Cit. P. 8-9.

¹⁴ Sloterdijk. Op. Cit. P. 139.

¹⁵ É interessante lembrar que os seguidores do movimento da Reforma não foram lembrados como luteranos ou evangélicos, mas como protestantes. Com isso fica claro que protestar é uma forma de resistir. E o protesto adquire maior legitimidade quando está baseado em argumentos consistentes, como foi o caso da Reforma, aliás reconhecido, ainda que tardiamente, pelas autoridades supremas da hierarquia católica.

embora os méritos não sejam todos dele, ainda que tenha passado por situações difíceis. Ele coroou aquilo que já fora dito por Aristarco de Samos no século III a. C. e retomado por Copérnico no século XV (1473), em sua obra *De Orbium Coelestium Revolutionibus*. (Sobre as Revoluções das Órbitas Celestes).

Outro pensador, tão ou mais decisivo que Galileu, nos caminhos da resistência é René Descartes (1596-1650). Coube a ele dar um cheque-mate ao pensamento filosófico medieval. Mas, também aqui, é preciso não esquecer que a glória da dúvida metódica, como metodologia epistemológica, não pertence exclusivamente ao Pai da Modernidade, talvez, se deva atribuir, em maior parte, a Petrus Ramus que, um século antes, foi assassinado por tentar introduzir a dúvida metódica como fonte de saber, além de ser um dos responsáveis, desde o século XIV, para o avanço da ciência empírica, que o século XVII legitimou definitivamente.¹⁶

Descartes, além da dúvida metódica e da fórmula *Cogito ergo Sum*, é responsável pela implantação definitiva da exigência metodológica para se fazer pesquisa. Em sua obra, *O Discurso do Método*, ele constata que as construções começadas e concluídas por um único arquiteto são geralmente mais belas e mais bem ordenadas, que aquelas construídas por vários arquitetos. Diante disto concluiu que a ciência seria também uma arquitetura, destinada a abrigar o assentimento de todos os espíritos através de sua dimensão universal. Segundo ele um único espírito seria capaz de conceber o plano urbanístico do conhecimento. Ele seria esse arquiteto construindo um método que seria adotado por todos aqueles que se dedicassem à construção do conhecimento verdadeiro. Com este pensamento, Descartes escreveu *O Discurso do Método*, em suas seis partes, e que tem o sugestivo subtítulo, “para bem conduzir a própria razão e procurar a verdade nas ciências”. Daí em diante a metodologia se tornou uma condição indispensável para pesquisar cientificamente.¹⁷

A racionalidade cultivada pelo sistema de produção do saber, embora tenha sido elaborada como forma de resistência por Galileu, Descartes e Cia., acabou por impor um paradigma dominante. Esse paradigma se sustenta sobre a cientificidade cultivada a partir dos fatos naturais. Todo sistema de produção do saber, praticamente, ficou refém de um único modelo de cientificidade, o das ciências naturais.

Para entender, ainda que superficialmente, a sustentabilidade desta cientificidade dominante é possível fazer algumas observações. Inicialmente, a cientificidade é identificada com o modelo epistemológico das ciências empíricas, aceito como o único rigoroso. Em segundo lugar, os únicos objetos de estudo científico são os possíveis de serem quantificados, portanto, os fatos físicos e aqueles que possam ser tratados da mesma forma. A esse respeito Boaventura afirmar que uma das medidas foi aplicar ao estudo da sociedade todos os princípios epistemológicos e metodológicos que presidiam ao estudo da natureza desde o século XVI.¹⁸ Em terceiro lugar, os únicos métodos confiáveis são os métodos quantitativos. Em quarto lugar, se constituiu a comunidade científica¹⁹ que assegura o que é ou o que não é científico. Os pareceres de seus integrantes são irretocáveis. A eles cabe distinguir o que é verdadeiro e o que é falso. E por fim, se disponibilizou, a seu serviço, um conjunto de instituições de poder, governamentais ou não, que assegura o controle de todas as iniciativas de pesquisa, seja para aprová-las, financia-las ou publica-las. Aqui agem os burocratas que podem representar interesses de outras instâncias, nem sempre científicos.

¹⁶ Conferir mais informações na obra, *Modernidade – Desacertos de um Consenso*, de Nelson Mello e Souza.

¹⁷ O discurso do método é, originalmente, um projeto de uma ciência universal, daí a importância que assumiu e se estende até hoje. O método foi constituído como um ponto fundamental da prática científica.

¹⁸ Boaventura de Sousa Santos. *Um Discurso Sobre As Ciências*. 10ª Ed. P. 18.

¹⁹ Comunidade Científica, uma expressão utilizada por Thomas Kuhn em sua obra *A Estrutura das Revoluções Científicas*. Ver, em especial, p.219-225. f

Para retornar ao cenário das resistências, é bom lembrar que, no passado, a ciência moderna foi originalmente um movimento de resistência frente ao paradigma da medievalidade. Ela foi uma proposta de mudança das fontes de conhecimento, dos instrumentos de investigação e da autonomia da Razão humana na produção do conhecimento. Hoje, paradoxalmente, ela se constituiu num poder opressor, como bem definiu Boaventura de Sousa Santos, a Nova Ciência (Moderna) “parte do pressuposto que as ciências naturais são uma aplicação ou concretização de um modelo de conhecimento universalmente válido e, de resto, o único válido”.²⁰

Não se trata, neste momento, descrever amplamente o domínio totalitário da cientificidade empírica, além de ser repetitivo, não é este objetivo. O que importa agora é descobrir formas de resistência. Ninguém duvida dos grandes obstáculos, já que a ciência está incorporada, inclusive pela sociedade em geral, que a ciência é o critério mais convincente. Neste sentido, basta lembrar o que refere Henri Atlan a respeito do que dizem cidadãos norte-americanos: “Não acreditamos mais em religiões, nem nas filosofias, somente na ciência, porque ela é bem-sucedida. É portanto dever dos cientistas nos indicar como viver”.²¹ Diante deste consenso generalizado, fica evidente que a exclusão de outros saberes, pouco produtivos, fica imensamente facilitada.

Repetitivo é, também, insistir no poder das ciências. Esse poder aparece em todas as partes e em todos os níveis. Em nenhum momento da história da humanidade ficou tão claro o imenso arsenal de poder das ciências. Tanto para o bem, quanto para o mal. E o que é mais grave, acobertada sob o manto da neutralidade. A ciência estaria fora das questões do bem e do mal, sua utilização é que mergulha neste drama.

A preocupação, portanto, dentro do objetivo proposto inicialmente, consiste em localizar gestos de resistência. E parece que já são muitos e cada vez mais expressivos. E tudo indica que a inspiração nasce, exatamente, deste poder desvairado das ciências em intervir de maneira ilimitada sobre tudo e sobre todos. Isso estaria alimentando tragédias humanas e naturais irreversíveis.

Diante deste cenário, pouco animador e já há algum tempo anunciado, alguns movimentos de resistência, mais ou menos influentes, estão se organizando para tentar reverter, ainda em tempo, essa destruição massiva do planeta Terra e de seus habitantes.

O mais significativo desses movimentos, no meu entender, atende pelo nome geral de Ecologia. Pode-se falar de múltiplos movimentos ecológicos, mas todos têm como objetivo maior a preservação da natureza em geral, e dos eco-sistemas em particular. A própria ecologia pode ser entendida de diferentes dimensões. Por exemplo, Félix Guattari, referindo-se que a consciência ecológica está ainda voltada para enfocar os danos industriais, propõe uma articulação ético-política, - que chama de ecosofia – entre os três registros ecológicos: o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana.²² Portanto, teríamos três ecologias, a natural, a social e a pessoal. A ecologia (e ecosofia) natural busca modificar o relacionamento do homem com a natureza. A ecologia (e ecosofia) social visa reconstruir o conjunto das modalidades do ser-em-grupo, isto é, das relações inter-pessoais. E a ecologia (e ecosofia) mental que tem como alvo repensar a compreensão de corpo, tentando conciliar o corpo real com o corpo sonhado.²³

O segundo movimento de resistência eu atribuo aos, assim denominados, estudiosos das ciências. Estudar as ciências não significa negar as ciências, nem impedir o seu desenvolvimento. Os estudiosos da ciência, simplesmente, querem compreender o fenômeno ciência, tanto como

²⁰ Boaventura de Sousa Santos. Op. Cit. P. 19.

²¹ Ver Henri Atlan, Teórico da Auto-Organização. In Pessis-Pasternak, Guitta. Do Caos à Inteligência Artificial – Quando os cientistas se interrogam. P. 63.

²² Guattari, Félix. As Três Ecologias. P. 8.

²³ Guattari, Félix. Op. Cit. P. 11-17.

paradigma epistemológico, tanto como processo de desenvolvimento humano, tanto como fundamento de tecnologia, tanto como dinâmica de poder, tanto como fonte criadora de recursos econômicos.

Os estudiosos da ciência tratam as ciências como objetos de estudo em todas as suas implicações em relação ao universo, ao homem, à vida e a todos os seres.

O terceiro movimento é composto pelos pensadores pós-modernos. Sei que falar em pós-modernidade causa frissões em muitos intelectuais sisudos, até o ponto de sair da sala de conferências. Não vou justificar o termo, provavelmente seja pouco expressivo, mas ele serve para aglutinar aqueles pensadores que reclamam da necessidade de se construir um novo paradigma epistemológico a partir de uma lógica que preserve o princípio da complexidade. O grupo dos pensadores, classificados pós-modernos, já é altamente expressivo em número, qualidade e representatividade, já que são provenientes das mais diversas áreas do saber.²⁴

Por fim, acredito ser possível falar num quarto movimento que se constitui em torno da ética e, em especial, a bioética. A história das ciências nos revelou que, ao surgir a nova ciência no século XVI, o grande problema para seu desenvolvimento eram os entraves de uma ética medieval. Foi preciso esquecer seus códigos conservadores e partir para as pesquisas com coragem e liberdade. Hoje, a situação se inverteu. As ciências necessitam de parâmetros éticos. Não se pode fazer qualquer pesquisa sem antes medir as conseqüências. O problema mais grave está no campo da vida. Isto porque, em especial, envolve diretamente o ser humano. Para quem acompanha os debates e a literatura em torno deste tema tem consciência que a questão é, talvez, a mais explosiva do século XXI²⁵.

Ainda uma observação. Frequentemente se houve, entre nós, professores universitários confundirem as questões de ética e de bioética com códigos de ética. As questões de ética e bioética discutem os valores primordiais que fundam o agir humano e a preservação da vida. Um código de ética, em princípio, deve ser construído sobre esses valores a fim de orientar os comportamentos humanos, em geral, ou profissionais, em particular.

Além desses movimentos de resistência, acima resumidamente expostos, torna-se necessário construir outras resistências mais diretamente ligadas ao universo acadêmico. Foi dito que o modelo epistemológico das ciências empíricas marginalizou as, assim chamadas, ciências humanas. Entretanto o problema não se resume a esta esfera do conhecimento. Vai além, muito além. As ciências humanas foram excluídas do processo educacional. Isto aconteceu desde o primeiro grau. O processo educacional acabou circunscrito ao ensino/aprendizagem de conteúdos cognitivos. Esses conhecimentos preparam para o vestibular, num primeiro momento. Posteriormente formarão o currículo da formação profissional. As disciplinas que têm um conteúdo humanístico foram dispensadas. Elas não preparam um profissional, Atualmente há um movimento de re-introduzir as humanidades. Em contrapartida, os cursos técnicos profissionalizantes crescem em escala geométrica. É preciso formar o trabalhador. Não há certeza que, ao mesmo tempo, ele se torne um cidadão pleno.

Deste contexto a educação física não escapou. Ao contrário. Talvez, seja um exemplo paradigmático. No momento que ela foi profissionalizada, surgiram dois cursos, o bacharelado,

²⁴ Para completar as informações sobre os pós-modernos, que são também estudiosos da ciência, julguei importante citar alguns nomes como sugestão para leituras complementares. Bruno Latour, Boaventura de Sousa Santos – já citados -, Edgar Morin, Michel Maffesoli, Jean Baudrillard, Gilles Deleuze, Félix Guattari, Humberto Maturana, Francisco Varela, Robert Kurz, etc.

²⁵ Apenas como sugestão de leitura complementar, citarei três nomes. H. Tristram Engelhardt Jr. (norte-americano); Jean Bernard (francês) e, entre nós, Volnei Garrafa.

formador de profissionais liberais, e a licenciatura que continua formando educadores. O reflexo foi imediato, a licenciatura foi esvaziada.

Esses fatos levam a lembrar uma experiência de Humberto Maturana, narrada em seu livro, *Emoções e Linguagem na Educação e na Política*. Maturana, biólogo chileno, conta que, logo no início dos estudos universitários, ele e seus colegas de diferentes identidades se reuniram com o propósito comum: “devolver ao país o que estávamos recebendo dele”. A preocupação era saber como poderiam atuar na melhoria da qualidade de vida dos cidadãos chilenos. Dito isto, ele passa a narrar o que constatou um tempo depois quando foi convidado a falar sobre a educação aos estudantes chilenos. “A situação e as preocupações dos estudantes de hoje mudaram. Hoje, os estudantes se encontram no dilema de escolher entre o que deles se pede, que é preparar-se para competir no mercado profissional, e o ímpeto de sua empatia, que os leva a desejar mudar uma ordem político-social geradora de excessivas desigualdades, que trazem pobreza e sofrimento material e espiritual”²⁶. Depois de ler esses depoimentos de Maturana, acredito não cometer nenhum crime se afirmar que entre nós, atualmente, nem mais nos defrontamos entre o dilema de competir no mercado profissional e a empatia social, pois nos restou, apenas, a luta pela competência e competição no mercado de trabalho.

Neste campo, os movimentos de resistência parecem neutralizados, talvez, asfixiados por uma atmosfera de exaltação das performances esportivas e pelos sonhos de corpos “sarados” a serem cultivados nos santuários das quadras esportivas ou desenhados na sacralidade das academias. No momento, é preciso respeitar os prazeres da lua de mel profissionalizante. O importante é manter a esperança e acreditar. Os espaços sempre aparecem, mesmo quando a opressão parece matar qualquer semente de resistência. Um dia alguém vai descobrir, mesmo que seja só em si mesmo, que o corpo sorridente entra na felicidade com passos e gestos mais seguros do que o corpo malhado.

Diante da impossibilidade de trazer, aqui, gestos mais concretos sobre esforços de resistência frente à cientificização e tecnologização da vida humana em todos os domínios profissionalizantes, embora pareça um lirismo inconseqüente e delirante, quero concluir fazendo uns comentários.

A aqueles que teimam em resistir sugiro que pensem como Johannes Kepler (1571-1630) ao concluir seu fantástico livro sobre as harmonias existentes nos movimentos celestiais, intitulado *Harmonice Mundi*, que, infelizmente, caiu no esquecimento porque era o oposto das idéias defendidas por outros físicos como Copérnico, Galileu e Newton, cujas teorias estavam em expansão. Diante de sua obra concluída, Kepler escreveu: “Perdoai-me, mas estou feliz; se vos zangardes eu perseverarei; (...) O meu livro pode esperar muitos séculos pelo seu leitor. Mas mesmo Deus teve de esperar seis mil anos por aqueles que pudessem contemplar seu trabalho”²⁷. Hoje, depois das pesquisas cosmológicas, sabemos que Deus esperou milhões de anos para que chegasse a espécie humana a fim de admirar a criação divina. O que é mais grave, fato que Kepler não previu, a humanidade esqueceu de contemplar as maravilhas dos movimentos celestiais e da criação. A profanação do sagrado segue em ritmo acelerado.

Apesar de todos os controles, não se pode desconhecer a existência de espaços de resistência. Um deles, muito citado, mas pouco freqüentado e, quando freqüentado, às vezes, é violentado. Refiro-me ao tema e à prática do lúdico. Neste sentido invoco, em primeiro Friedrich Schiller (1759-1805), mais especificamente sua obra *A Educação Estética do homem – Numa Série de cartas*. Nela ele proclama sem rodeios que “o homem brinca somente quando é homem no pleno sentido da

²⁶ Maturana, Humberto. *Emoções e Linguagem na Educação e na Política*. P-12-14.

²⁷ Ver Rubem Alves, *Filosofia da Ciência – introdução ao jogo e suas regras*. P. 72-73. Também, Boaventura de Sousa Santos. *Um Discurso sobre as Ciências*, 10ª ed. p. 11.

palavra”.²⁸ O modo de ser do ser humano se constitui de duas tendências fundamentais da natureza sensível-racional, que ele denominada de impulso sensível e de impulso formal, ambos se juntam no impulso lúdico, por isso, por isso é possível afirmar que o humano do homem está no imaginário lúdico.²⁹ Esta tese de Schiller é corroborada por Humberto Maturana e Gerda Verden-Zöllner na obra *Amar e Brincar – Fundamentos esquecidos do humano*.³⁰ Outro fato que mostra a importância do pensamento de Schiller pode ser deduzido do depoimento de Thomas Mann (1875-1955), autor de *A Montanha Mágica*, ao conclamar os intelectuais alemães a se libertarem do seu racionalismo radical. “Assim como um organismo pode adoecer, definhar, porque em sua química falta um determinado elemento, uma matéria de vida, uma vitamina, da mesma maneira talvez nossa economia de vida, o organismo de nossa sociedade esteja necessitando urgentemente justo algo indispensável, deste elemento Schiller”.³¹

Vale lembrar, ainda, a obra *O jogo como símbolo do mundo* de Eugen Fink, como uma expressão de resistência às filosofias das lógicas racionais. Fink propõe, inicialmente, o lúdico como objeto possível e digno da filosofia. Entre outras conclusões ele afirma que é muito mais provável que o mundo seja regido pela aleatoriedade do brinquedo, do que pela previsibilidade das lógicas racionais.³²

Essas sugestões, a de Thomas Mann e a de Eugen Fink, parece que não obtiveram muitos resultados, mas para uma reflexão filosófica, como esta, resta um consolo: a filosofia é inútil assim como o lúdico. Quanto à primeira, se costuma afirmar que com ela nada se faz, entretanto não se pergunta o que ela pode fazer conosco, isto porque ela nos acompanha como a sombra. Quando é negada e condenada como inutilidade, ela nos lembra que a negação e a idéia de inutilidade são atitudes filosóficas, não científicas. O brinquedo e o amor são os refúgios onde se abrigam os fundamentos do humano durante as tempestades da racionalidade.

Esta reflexão filosófica, talvez sem credenciais, possa propor a abertura de um espaço para que seja possível desconfiar, num primeiro momento, que o mundo dos esportes poderia reencontrar os princípios aleatórios do brinquedo para além das leis da física, da mecânica e da competição; num segundo momento, poderia descobrir que a dinâmica do corpo vivo está mais para as “irracionalidades” do lúdico do que para as leis da biomecânica.

Prof. Silvino Santin
Santa Maria, 27 de fevereiro de 2007.

28 Schiller, Friedrich. *A Educação Estética do Homem – Numa série de Cartas*. P.

29 Schiller, Friedrich. *Op. Cit.* P. 65-79.

30 Maturana, Humberto e Gerda Verden-Zöllner. *Amar e Brincar – Fundamentos esquecidos do humano*.

31 Mann, Thomas. *A Montanha Mágica*.

32 Fink, Eugen. *Spiel Als Weltsymbol*, 1960.